
*Nascimento, Vida Eclesiástica e Conversão de
José Manoel da Conceição*

Palestra sobre o Nascimento, a Vida Eclesiástica e a Conversão do Rev. José Manoel da Conceição oferecida à 1ª Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo.

Lic. Mauro Filgueiras Filho
São Bernardo do Campo – 22 de agosto de 2003

Do Nascimento ao Novo Nascimento do ex-padre *Rev. José Manoel da Conceição*

1. Introdução

A todos aqueles a quem Deus escolhe, ele tem o seu tempo e o seu modo especial de agir com cada um. Todos que partilham dessa eleição têm também uma obra específica para realizar, obra esta preparada por Aquele que elege (Ef 2.10). Samuel era prometido como líder e representante de Deus (1Sm 1.28); ao profeta Jeremias Deus escolhera desde o ventre materno para ser mensageiro (Jr 1.5); a Ezequiel foi dado o rolo para que comesse para profetizar (Ez 3.3); João Batista era cheio do Espírito Santo ainda no ventre materno (Lc 1.41, 44); o apóstolo Paulo era um vaso escolhido de Deus (At 9.15, 16). Isso sem contar a magnífica galeria dos heróis da fé (Hb 11.4-40).

Da mesma maneira vemos João Calvino, que sob a fúria de Farel foi persuadido a fixar residência em Genebra, de onde brotou a Reforma a todo mundo Ocidental. Assim foi com Hudson Taylor, que por meio de seus esforços, sob a graça de Deus, trouxe multidões ao arrependimento na China. Assim foi com os grandes vultos da história, com Martinho Lutero, John Kox, John Wesley, George Whitefield, Charles Spurgeon, Lloyd-Jones e muitos outros.

Deus concedeu essa mesma graça ao Brasil. De maneira diferente, com homens diferentes, mas com os mesmos meios. A graça de Deus se manifesta salvadora sempre por meio das Sagradas Escrituras e da atuação do seu Santo Espírito. Deus deu isso ao Brasil. Essas ramificações evangélicas que lutam em trazer um “avivamento espiritual” ao Brasil precisam voltar os olhos para a nossa história e ver que Deus já fez essa obra. Compete à Igreja dar continuidade ao que Deus iniciou, pois sob a bendita Providência, todos os rumos necessários para uma verdadeira reforma no Brasil podem ser tomados.

Da mesma forma que Deus usou aqueles santos no passado, Deus usa homens santos em nossos tempos. Não temos a tradição de canonizar ninguém, mas também não ignoramos que o Condutor de toda a história faz uso de homens seus para propagar a sua glória. Ao invés de atentarmos em demasia para as outras partes do mundo, devemos focalizar as nossas raízes e ver, que da mesma forma que Deus executou seus planos redentores através daqueles grandes homens, a sua graça transformou e fez uso de grandes santos aqui em nossa pátria.

É por esse prisma que temos que encarar a misericórdia de Deus em nosso país, ao usar grandes homens como A.G. Simonton, A.L. Blackford, Schneider, Eduardo Carlos Pereira, Álvaro Reis, Erasmo Braga, Boanerges Ribeiro e muitos outros. Essas breves páginas são apenas um pequeno lampejo de como começou a ser usado o primeiro pastor nacional. A este se aplica a mesma sentença, como um chamado para **“para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas.”** (Is 42.7).

2. Nascimento e Educação

Ao dar sua resposta depois de excomungado pela Igreja Católica Romana, respondendo às duras acusações que sofreu pela mesma, começa o ex-padre, dizendo:

“Eu nasci na cidade de S. Paulo aos 11 de março de 1822. Meus pais, mudando-se dois anos mais tarde para Sorocaba, levaram-me consigo e lá cresci. Na idade de doze anos comecei a estudar, e daí até completar vinte e três anos tinha feito os meus exames de latim, francês, lógica, retórica e teologia moral e dogmática. Em 1844 fui ordenado diácono pelo finado D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, e por dezoito anos paroquiei nas igrejas de Água Choca, Piracicaba, Santa Bárbara, Taubaté, Sorocaba, Limeira, Ubatuba e Brotas”.¹

Sr. Manuel da Costa Santos, português e canteiro e Da. Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas geraram José Manoel da Costa Santos, que tornou o nome de José Manoel da Conceição. Foi batizado na Sé de São Paulo, tendo o tio-avô, padre José Francisco de Mendonça por padrinho. O pai deste, Antônio Francisco de Mendonça, veio para o Brasil da Ilha do Faial, casou-se com Joana Rosa da Trindade no fluminense. Depois de casados desceram para Santa Catarina, onde nasceu o pai de Conceição.

Desde cedo Conceição mostrou profunda devoção pela religião, vivendo numa família piedosa, dentro da concepção romanista. Mudaram-se para Sorocaba, onde estava morando o padre Mendonça.

Padre Mendonça era o cura da cidade de Xiririca no Vale do Ribeira no ano em que Conceição foi batizado. Neste mesmo ano, em setembro, ele prestou um concurso, sendo aprovado para ser o vigário de Sorocaba, onde tomou posse a 3 de fevereiro de 1824. O velho padre, em seu espírito organizado, vê-se obrigado a arrumar a desordem deixada pelo padre anterior. Conforme Boanerges Ribeiro descreve que Mendonça era “consciencioso, enérgico sem violência e instruído”.² Aos cuidados desse amável padre ficou José Manoel da Conceição.

Pouco se sabe sobre sua infância, mas temos a impressão deixada por Boanerges, que caracteriza bem o que produziu no jovem Conceição uma personalidade reflexiva e muito retraída:

“Tenho a impressão de que a infância de José Manoel não foi alegre. Votado desde logo ao sacerdócio; única crença entre os adultos da casa; assombrado pelo mosteiro vizinho, de Sta. Clara, com seus paredões sem janelas, sua capela sombria; morador de uma rua cujo horizonte era fechado pelas curvas barrocas do mosteiro de São Bento, que se espreguiçavam no alto do morro, manchadas às vezes pelo hábito negro de seu único frade, tudo indica que sua infância foi solitária, e quase desagradável”.³

Esse foi o contexto que, talvez, tenha trazido uma devoção silenciosa e sombria em sua vida eclesiástica.

¹ José Manoel da Conceição, *Sentença de Excomunhão e Sua Resposta*, Rio de Janeiro, Typografia Perseverança, 1867, p. 3.

² Boanerges Ribeiro, *José Manoel da Conceição e a Igreja Evangélica*, São Paulo, O Semeador, 1995, p. 7.

³ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1979, p. 24.

Aos doze anos o menino José foi matriculado pelo tio na escola de “Mestre Jacinto” – Jacinto Heliodoro de Vasconcelos. A descrição feita dessa escola não traz nada de extraordinário, mas revela muita seriedade. Local simples, com mobília escassa. O ensino de leitura, escrita, matemática, aspectos gerais da geometria, gramática portuguesa formavam o currículo junto ao catecismo e a história Sagrada. Havia férias no fim do ano e folga às quintas-feiras. O castigo corporal era aplicado, no entanto, não parece que com muita freqüência. Era lido com freqüência o Catecismo do bispo Colbert, de Montpellier. Este catecismo fora vetado pelo Vaticano, por ser Colbert jansenista.⁴ Não há razão para não crer que esse foi um dos instrumentos da Providência para a abertura da mente para a implantação do pensamento reformado na mente de Conceição.

3. Início do Conflito

O estudo dos clássicos formava importante parcela da educação. Estudava-se César, Cícero, Ovídio, Vergílio, Horácio. José Manoel era inteligente e muito bem reputado por seus professores e alunos. Aos dezesseis anos manifestou grande devoção. Descreve o biógrafo que Conceição declarou certa vez, sobre o seu apego ao Evangelho, que “nessa crença viveram nossos pais, e nela morreram”.⁵ Sua instrução e ensino contam muito do acompanhamento sempre presente dos cargos eclesiásticos do tio, que no exercício de seu ofício causou forte impressão, dando respaldo para o cumprimento do ofício de Conceição no futuro.

Aplicou-se ao latim com o padre José Gonçalves. Aos dezoito anos Conceição começa a ler a Bíblia. Nesse período é contratado um pintor francês, Carlos Leão Bailot, para a reforma da Matriz de Sorocaba. Foi contratado pelo padre Mendonça, de quem o jovem Conceição recebeu lições de desenho. O conflito começou quando ele leu em Gênesis 1.28: “**Sede fecundos, multiplicai-vos**”. Sua mente perspicaz percebeu certa incoerência entre os primeiros capítulos da Bíblia e sua amada Igreja.

Ao questionar o pintor veementemente, ouviu a sua paciente resposta:

“– Menino, aprende em tua Bíblia a distinguir a alegoria da religião; o fim da Bíblia é ensinar-nos a amar a Deus sobre tudo e depois amar-nos uns aos outros como bons irmãos filhos do nosso Pai que está no céu; entendes meu menino?”.⁶

⁴ Jansenismo é o nome que se dá a uma facção da Igreja Romana. Cornélio Otto Jansen (1585-1638) era holandês e expôs num livro a doutrina Agostiniana que se aproxima muito da de Calvino no conceito da livre e soberana graça salvadora de Deus. Essa doutrina se opõe à teoria jesuíta da salvação pela própria iniciativa e esforço humano. O jansenismo penetrou no Brasil ao ser oficializado o ensino do Catecismo de Montpellier, que foi condenado em 1771 por Roma. Isso bastou para causar escândalo aos núncios apostólicos, que eram os representantes do Vaticano no Brasil (Wilson Santana Silva, *Idéias Novas e Velho Catolicismo*, apostila de aula, obra não publicada, pp. 3, 14, 15).

⁵ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 25.

⁶ *Ibid.*, 29.

4. Nos Estudos ao Sacerdício

Decidido em ser padre vai para São Paulo para candidatar-se por volta de 1840 e 1842. O curso não era em seminário. Havia o Curso Anexo da Academia Jurídica e a Teologia. As aulas eram dadas na própria residência dos mestres, depois, na Sé Catedral. A juventude que José Manoel encontrou era boêmia e mundana. Divertiam-se com romances, filosofias heréticas e céticas e bebidas.

Conceição estudou filosofia com o padre Francisco de Paula Oliveira; latim com Antônio Gennense, admirador de Emanuel Kant. Em retórica lia Quintiliano e Horácio. Nova língua contribuiu sua carga cultural, francês, aprendido no Curso Anexo. No meio dessa celeuma intelectual, os colegas de José saíram perdidos, com espírito crítico, cético e pervertido. José saiu pregador evangélico.

Passando desta fase, prestou exames e foi aprovado para a Teologia. Foi aluno de duas importantes figuras, os cônegos da Sé Idelfonso Xavier Ferreira, com quem aprendeu dogmática, e Joaquim Anselmo de Oliveira, com quem aprendeu moral. Idelfonso foi quem gritou “Viva o rei do Brasil” no dia 7 de setembro de 1822, na Independência. Tinha o espírito eminentemente jansenista, tendo a ousadia de trabalhar na tradução da obra condenada pelo Papa, *Compêndio de Teologia Dogmática*, cujas idéias eram liberais.

Anselmo era o oposto. Impulsivo e irado contra qualquer pensamento liberal. Os dois mestres eram bem diferentes e chegaram, dez anos mais tarde, a trocar tapas, a ponto de Anselmo ferir com faca o colega Idelfonso. Outra pessoa que influenciou Conceição foi o Frei Joaquim do Monte Carmello, doutor em Teologia pela Universidade de Roma. Era a favor da tolerância e da liberdade de consciência, sedno inimigo ferrenho dos jesuítas e de todos os padres conservadores. Quando conheceu José Manoel, afeiçoou-se a ele, e defendeu-lhe a moral mesmo após a sua morte.⁷

5. Nova Influência

Com vinte anos era destacado como o melhor aluno. Fez todos os exames e passou, a 30 de abril de 1842. José Manoel foi aprovado e tonsurado, conseqüentemente, ordenado sub-diácono, num domingo. Tudo colaborava para o seu progresso. Estava a caminho para a ordenação de diácono. Escreve Boanerges que:

“Até aqui tudo indica para o jovem clérigo uma carreira fácil e brilhante. Seu futuro seria lecionar também a estudantes de Teologia ou filosofia, pregar sermões ramalhudos sobre os santos principais e, quem sabe, um dia o báculo episcopal. Os mestres o estimavam, o tio não estava mal colocado e a pressa de sua ordenação mostra que o bispo reconhecia seus méritos. Era talentoso e era trabalhador”.⁸

Todavia, explodiu em 17 de maio a Revolta Liberal em Sorocaba e todas as ordenações foram suspensas. Conceição e seu tio assinaram a *Acta* da Revolta. A luta era de Conservadores contra Liberais. Enquanto essa luta travava as transações

⁷ Pouco antes da morte de Conceição, o frei foi visitá-lo e dedicou-lhe um sermão. Em 1873 ele escreveu sobre outro assunto, mas relembrou fases da vida do ex-padre (ibid., p. 37).

⁸ Ibid., p. 40.

eclesiásticas e impedia o progresso de Conceição, ele decide ir à Sorocaba esperar passar a crise. Receoso e cuidadoso, seu tio-avô o encaminha para Ipanema, onde ele teria mais tranquilidade do que em Sorocaba.

Fora de toda crise da Igreja, Conceição dedica-se novamente à leitura das Escrituras. Estava instalado perto de 27 famílias alemãs. Enquanto ficava ali, auxiliava o Capelão. Fez amizade com o inglês Godwin, um dos chefes do serviço da Usina siderúrgica. Com ele, Conceição começa a arrastar um pouco de inglês. Foi onde também conheceu, segundo Antônio Gouvêa Mendonça, João Henrique Theodoro Langaard, médico dinamarquês que clinicava os trabalhadores de Ipanema. Com quem também trocava aulas de alemão⁹; e com quem também, segundo Carl Joseph Hahn, adquiriu conhecimentos de medicina e artes.¹⁰ Sugere Gouvêa que “O Conhecimento do alemão e o acesso aos livros de Langaard podem ter aberto a Conceição os conhecimentos históricos e críticos que mais tarde poriam em xeque a sua fé católica”.¹¹

Começou a confraternizar-se com essas pessoas estranhas. Descreve Boanerges que:

“A tranquilidade da casa era impressionante; aquela gente entendia que o domingo era um dia à parte, sobre o qual não tinha direito. Nem passeios, nem jogatinas, nem bebedeiras. Leitura da Bíblia e de livros religiosos, descanso, convívio familiar. E eram protestantes!”.¹²

A própria descrição de Conceição revela sua impressão:

“Eu ia com frequência a uma fundição de ferro em Ipanema (em Sorocaba, na minha região) onde visitava a família Godwin cujo pai, Mr. Godwin era superintendente da casa de máquinas. Eu me comovia profundamente ao observar o completo silêncio que lá reinava aos domingos. Era uma *família inglesa*. Mais tarde, quando eu fui admitido na comunidade eu via a totalidade das famílias a ler a Bíblia e livros devocionais. Mais tarde, *eu visitei quase todas as famílias alemãs e em todas eu encontrei o mesmo quadro de devoção e religião. Comecei a pensar: quem sabe se estes estrangeiros têm tanta religião como nós, os brasileiros? Seria a religião deles igual à nossa? Ainda, quem sabe se eles não mais religiosos que nós porque são mais civilizados do que nós?*”.¹³

Cheio de admiração, o sub-diácono Conceição aprendeu a admirar o protestantismo, dotado de uma rara sensibilidade para detectar uma verdadeira atmosfera evangélica.

6. Decepção e Dificuldade

Terminou em 1843 a grande crise e mal sabia Conceição o que lhe aguardava. Quando estavam todos os candidatos prontos para a ordenação, Conceição estava em desvantagem. Cada candidato estava apadrinhado de alguém influente na corte, e Conceição era independente. Minutos antes da cerimônia,

⁹ Antônio Gouvêa Mendonça, *O Celeste Porvir*, São Paulo, ASTE, 1995, p. 85.

¹⁰ Carl Joseph Hahn, *História do Culto Protestante no Brasil*, São Paulo, ASTE, 1989, p. 189.

¹¹ Antônio Gouvêa Mendonça, *O Celeste Porvir*,

¹² Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 44.

¹³ *O Puritano*, 14 de junho de 1900, p. 1. *Apud.* Carl Joseph Hahn, *História do Culto Protestante no Brasil*, p. 189.

aproxima-se dele um padre, informando-lhe que ele não seria ordenado. Havia um processo contra ele por causa dos conflitos; ele e o tio assinaram a *Acta* da Revolta. E, pior, Conceição se confraternizou com os “hereges” alemães e ingleses.

Decepcionado e desanimado voltou chocado para Sorocaba. Insistiu com ele o padre Mendonça. Não foi fácil convencer o rapaz, mas ele regressou disposto e foi ordenado diácono em 29 de setembro de 1844. Trabalhou durante oito meses com o padre Mendonça em Sorocaba. Enquanto executava sua função, conflitos internos eram travados quanto a tudo que tinha aprendido com os protestantes e com as leituras bíblicas. Começou a enxergar que a Igreja que iria servir tinha falhas profundas.

Batizou os filhos de Langaard. Estava decidido a viver e tentar concertar os erros de sua Igreja. Em 29 de Junho de 1845, com vinte e três anos foi, então, ordenado presbítero, na capela do Palácio Episcopal. Foi para Limeira como vigário encomendado. Nesta cidade, Boanerges descreve que ele:

“Era um padre que batizava na matriz e nas fazendas, casava, encomendava defuntos, sem jamais cobrar. Se lhe davam alguma coisa, aceitava; se não, nem tocava no assunto, sempre que aparecia um necessitado, era certo ir o padre atrás das pessoas de mais recurso na vila, e não tinha sossego enquanto não via o pobre socorrido”.¹⁴

Seus sermões não pareciam com os dos seus colegas padres. Usava dos artigos alemães que possuía; foi influenciado pela leitura dos sermões de Martinho Lutero. Estavam os clérigos incomodados e resolveram transferir o *padre protestante*, como o chamavam. Não podiam permitir que ele fincasse raízes em um lugar. Os limeirenses não reclamavam do jovem vigário. Ele era desprezado e aplicado, além de simpático e agradável. Mas o bispo não quis saber. Aquele padre protestante era um risco.

Foi transferido para Piracicaba, onde foi coadjutor do padre Manoel José de França; depois para Água Choca (Monte Mor). Quatro anos depois, o padre José Manoel volta a Limeira, onde ficou até 1854. Passou rapidamente por Taubaté. Em 1856 foi para Ubatuba, mas logo em seguida foi para Santa Bárbara, onde se estabeleceu de 1857 a 1859. Em 12 de agosto deste ano chega A.G. Simonton.

A 15 de abril de 1860 estava em Brotas. Em todo lugar tentava realizar sua reforma, mas quando detectado era transferido rapidamente. Começou a estudar livros de medicina que pediu da Europa; também se dedicava em física e botânica. É descrito até que “Raro era o enfermo por ele tratado que não experimentasse alívio dos seus padecimentos. Pessoas desenganadas por habilíssimos médicos foram curadas pelo padre Conceição”.¹⁵ Em março de 1852, novo bispo foi para São Paulo, o padre Antônio Joaquim de Melo, nomeado pelo governo imperial. Tendo crescido o nome, o padre José Manoel da Conceição prega em Campinas.

O padre começou a ficar cansado. A chacota dos colegas começou a pesar-lhe; além de *padre protestante*, acrescentaram-lhe outro apelido, *padre louco*.

¹⁴ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 53.

¹⁵ *Ibid.*, p. 68.

Quando conseguiu retomar sua força, o padre Conceição começou a traduzir do alemão a História Sagrada. Mas estava sempre cansado, pois, tal como Lutero, ansiava por um reavivamento interior, e sua Igreja não lhe proporcionava nenhuma transformação. Sua mente já estava fatigada; começou a ficar em estado de melancolia profunda. Para acrescentar, em 5 de setembro de 1852 morreu o tio, padre Mendonça. Seus bens são repartidos entre o sobrinho-neto e os pobres. Conceição distribuiu também a sua parte.

Quando chegou em Brotas, reuniu fazendeiros, vereadores e pessoas comuns para tratar da condição decadente em que a igreja de lá se encontrava. Ao começar o trabalho, reencontrou vigor para combater os erros do romanismo, encomendando sempre a Bíblia ao povo. Atacava diretamente os erros, mas, conforme Boanerges, ele “Tentava cortar frutos venenosos, sem atentar para a natureza da árvore”.¹⁶ Nunca foi sua intenção um cisma, mas uma reforma integral no seio da Igreja. Ele não via a profundidade da corrupção da Igreja. Queria reforma.

Estava aflito, ao ponto de dizer a um casal de noivos que foi se confessar com ele em 1862: “Eu e vocês precisamos nos confessar a Deus, e não aos homens”.¹⁷ Ele chegou a um ponto extremo. Não podia continuar seu trabalho. Pediu afastamento da paróquia no começo de 1863, quando o bispo era D. Sebastião Pinto do Rego.¹⁸ O bispo acolheu o colega aflito e lhe deixou como vigário da vara, isto é, um delegado do bispo, sem funções sacerdotais.

Ao concordar, o padre Conceição comprou uma chácara em São João do Rio Claro, à margem de Corumbataí e mudou-se para lá, dedicando-se à lavoura. Continuou a fazer os registros de casamento até junho de 1864. Estava numa agonia terrível, sem força, sem paz e sem Deus. Essa crise é o grande risco para a Igreja Romana, pois ela é promovida pelas Escrituras. O conhecimento das Escrituras é a causa de muitos abandonos dessa Igreja. Esse é o poder da Palavra, de virar a pessoa do avesso e derrubar todas as heresias, cuja fonte é o próprio coração do homem. Sobre isso, anos depois Conceição escreve: “O pouco que podia ler da Bíblia nunca deixou de tocar-me; do tesouro das preciosidades adquiridas nessa leitura tirava o material de que carecia para falar, para pensar e mesmo para obrar”.¹⁹

Corretamente Stendhal, em seu romance, citou um cura reclamando: “eis a prova desta tendência fatal para o protestantismo que sempre reprovei...Um conhecimento aprofundado e bem aprofundado da Sagrada Escritura”.²⁰

7. Virado do Avesso

Na região para onde se mudou havia uma colônia de protestantes. A Missão Presbiteriana enviou para lá missionários, a fim de assistirem aos colonos. Estava na

¹⁶ Ibid., p. 82.

¹⁷ Ibid., p. 85.

¹⁸ Este teve como pedra no sapato o Frei Joaquim do Monte Carmello. O bispo era conservador, e o Frei era liberal.

¹⁹ José Manoel da Conceição, *Sentença de Excomunhão e Sua Resposta*, São Paulo, Typografia, 1867, p. 3.

²⁰ Stendhal, *O Vermelho e o Negro*, São Paulo, Nova Cultural, 2002, p. 124.

capital da Província o Rev. Alexander Latimer Blackford, cunhado de Simonton. Ele se encaminhou para Rio Claro em 22 de outubro de 1863. Ao chegar na cidade, ouviu falar de um padre esquisito que morava ali. Curioso e interessado foi visitá-lo. Ao procurá-lo, Blackford comenta em seu diário: “Um perfeito cavalheiro. Com cerca de 40 anos de idade, corpulento, bem feito e gordo, com semblante que revela bondade. Inteligência viva, cultivado, e com as maneiras de um perfeito cavalheiro”.²¹

A conversa foi curta, mas produtiva. Assuntos vitais foram tratados. Blackford procurou não entrar em assuntos polêmicos. À medida em que o pastor ia apresentando os versículos bíblicos, sobre a salvação somente mediante a remissão do sangue de Cristo, o padre concordava, sem discutir. Comenta Boanerges que “Quando Blackford se retirou uma eternidade de alegria inundava o coração do padre”.²² O pastor missionário deixou alguns exemplares da Bíblia e alguns folhetos sobre a mesa. O padre saiu a distribuí-los em Brotas.

Após a visita, o padre Conceição continuou a exercer seu ofício, fazendo alguns casamentos e insistindo ao povo para ler a Bíblia. Correspondência permanente se fixou entre os dois homens. Depois, numa quinta-feira, 19 de maio de 1864, Conceição foi a São Paulo e encontrou-se com o ministro presbiteriano. Permaneceu em São Paulo até o dia 24, ouvindo palestras e sermões. A senhora Lille, esposa de Blackford não perdeu tempo ao vê-lo: “Por que o senhor não abandona a Igreja Romana?”. Isso o embaraçou por um tempo, mas ele começou a enxergar o remédio para todas as suas crises e melancolias. Comprometeu-se a estudar as doutrinas reformadas e, depois, professaria a fé em Cristo.

Passou o mês de julho em profunda meditação e em dedicado estudo. Compartilhou com alguns sua resolução. Enviou, então uma carta ao Rev. Blackford dando a resposta final. Blackford dá o seu parecer:

“...recebi dele uma carta sumamente encorajadora, dizendo que estava resolvido a sofrer tudo pelo amor de Cristo, e tudo sacrificar por Sua causa. Observava, contudo, que quando renunciasse ao sacerdócio e ao romanismo ver-se-ia praticamente privado de qualquer meio de subsistência. Respondi prometendo-lhe todo o auxílio que me fosse possível dar-lhe ou arranjar, e que o Senhor proveria com abundância se ele lhe entregasse plenamente a vida”.²³

No dia 23 de setembro o padre chegou à casa do pastor decidido a não dar um passo sequer atrás. Na quinta-feira, dia 28 de setembro de 1864, teve uma audiência com o Bispo, comunicando-lhe sua decisão de abandonar o sacerdócio da Igreja Católica Apostólica Romana. Transcrevo abaixo a carta do ex-padre ao Bispo:

“Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo,

“Renunciar a uma religião que me inspirou os melhores atos de minha vida é passo tão sério que apenas uma convicção inamovível – a fé, me decidiu a tomá-lo.

“Contudo, apesar da sinceridade de nossos atos, o mundo os julga de modo arbitrário, e ninguém pode furtar-se ao dever de explicá-los a amigos e inimigos, às

²¹ Boanerges Ribeiro, *José Manoel da Conceição e a Igreja Evangélica*, p. 33.

²² Ibid.

²³ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 109.

autoridades e à sociedade. Pretendo produzir tal explicação dentro de pouco tempo, a fim de que todos possam, após estudo e meditação, julgar-me com justiça e liberdade.

“À V. Excia., príncipe da igreja a que pertenci, devo antes de tudo confessar que dela me separei – porque no evangelho de Cristo, nosso Divino Redentor, aprendi a não confundir com Seu ensino máximas, invenções e tradições de homens. Sinto que, como atualmente se constitui a Igreja de Roma, é absolutamente impossível manter intacta, em seu seio, aquela liberdade de consciência indispensável à pregação e à prática do Evangelho. Separando-me dessa Igreja eu poderei remover os obstáculos a uma vida mais conforme com Jesus Cristo, de cujo Evangelho não somente não me envergonho, mas confesso solenemente que somente ele pode indicar-me o Caminho da Vida, ensinar-me a verdadeira vida aqui e na eternidade, pela fé na Redenção do Filho de Deus.

“Deus salve vossa Excelência Reverendíssima.
Cidade de São Paulo.

“Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Pinto do Rego, Digníssimo Bispo de São Paulo, e do Concílio de Sua Majestade Imperial de quem sou o mais humilde servo.

“José Manoel da Conceição”.²⁴

Deve ser notado que, em parte alguma, José Manoel tratou com sua antiga igreja com leviandade ou indolência, mas como um perfeito cavalheiro, de maneira sumamente respeitosa, preteriu seu ofício e igreja.

Um pobre homem, com todo o fardo maldito de seu próprio pecado, tentava perseverantemente retirar de si todo aquele peso por meio das fórmulas e tradições que sua amada igreja lhe impunha. Não tinha outra confiança. Nenhum outro lugar lhe dava opção melhor, mais razoável ou mais fácil. O único meio para encontrar alívio e perdão era abafar a própria miséria através dos pesados, terríveis e impiedosos dogmas romanos. Mas essa luta infernal encontrou seu fim. O alívio para uma mente recheada de mentiras e de falso consolo não tem resposta em outro lugar, senão onde José Manoel encontrou. Deixemos que ele mesmo fale:

“Para sentir a alteração completa e radical que as circunstâncias dos tempos e dos diversos lugares têm causado à fé primitiva evangélica, basta compararmos as práticas, usos, rituais e dogmas, que abundam atualmente no romanismo, com o credo ou símbolo dos apóstolos, e logo se reconhecerá que o uso de imagens, devoções e romarias dos santos, promessas, votos penitências impostas e determinadas, comutações, dispensas, as chamadas relíquias, bulas, e mil outros meios de graças, que constituem a essência do romanismo atual, são especulações de data muito recente, que nenhuma autoridade tem na velha fé católica e apostólica da Igreja evangélica de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual meu coração aderiu com júbilo desde que, podendo por mim mesmo ler a palavra de Deus, reconheci-a como protótipo da verdade. (...) Deus se compadeceu de minha miséria, e, de um modo para mim inesperado e em tudo providencial, deu-me a conhecer mais claramente a verdade, e fez-me sair do melindroso estado espiritual em que me achava. Derramou a sua graça em meu coração; indicou-me outro destino, mais digno de um anjo do que de um pobre pecador, e ministrou-me os meios de segui-lo”.²⁵

²⁴ Ibid., pp. 110, 111.

²⁵ José Manoel da Conceição, *Sentença de Excomunhão e Sua Resposta*, pp. 12, 13.

Conceição desistiu de tentar reformar a Igreja Romana. E caso alguém reclamasse dele o porquê de não continuar tentando a reforma interna, ele, lucidamente, responde:

“Por quê não trabalhou pela reforma, sem deixar a Igreja Romana? A isto respondo: quando um edifício em desmoronamento ameaça completa ruína, é impossível continuar a residir nele, mas sai-se dele, ao menos até que seja reconstruído sobre bases firmes, sob pena de ficar com ele sepultado.

“Seria, porventura, possível combater os erros e abusos do Romanismo permanecendo membro do mesmo?

“A história, tanto sagrada como a profana nos respondem: é impossível”.²⁶

8. Profissão de Fé Evangélica, Crise e Consolo

Simonton esperava a chegada do seu colega junto com o padre e escreveu em seu diário:

“O ‘Santo Maria’ está ancorado e esperamos a chegada do Sr. Blackford e do Padre que tem estado tanto em nossos pensamentos e conversas nestes últimos meses. Ele decidiu deixar Roma e Obedecer ao Evangelho. Temos grandes esperanças de que Deus o tenha escolhido para importante trabalho no Brasil. Possa ele ter o ensinamento do espírito e a retidão da fé”.²⁷

Decidido e convertido o ex-padre Conceição professou a fé e foi batizado pelo Rev. Blackford em 23 de outubro de 1864. Rev. Simonton proferiu breves palavras. Rápida amizade se fez entre Conceição e Simonton, ainda se recuperando pela recente morte de sua esposa. Conceição registra esse momento:

“era um belo dia. Ao som do *harmonium* e de vozes humanas que cantavam hinos, fui levado a uma fonte de água pura. Suponhamos dois daqueles anjos de Kopstock na Messíada. Tais eram os dois ministros de Deus que velavam no meu interesse. Fizeram-me lavar, e cobriram-me de bênçãos. Foi para mim um momento solene...”.²⁸

Ainda comenta Simonton que Conceição falou “de modo muito apropriado e em linguagem vigorosa explicou o passo que tinha dado”.²⁹

Mas as crises ainda não tinham passado por completo. Um dia, sem qualquer aviso, Conceição desapareceu. Blackford encontrou-o em Brotas, a 31 de janeiro de 1865. A tortura do sentimento de culpa, e de tantos anos vivendo ensinando mentiras não o deixavam em paz. Versículos ao monte eram-lhe citados e insistidos sobre o perdão total de Deus, mas nada lhe dava repouso na alma. Em seu diário, Simonton comentou: “está tão deprimido com seus sofrimentos nervosos que a morte lhe seria alívio. Posso apenas entregá-lo a Deus que pode curar”.³⁰ E curou.

Ele estava sentindo de maneira profunda e dolorida a cauterização dos seus pecados, como na linguagem deprimente, contudo restauradora, do Salmo 32. O tormento teve o seu fim, em suas próprias palavras:

²⁶ Ibid., p. 27.

²⁷ Ashbel Green Simonton, *Diário, 1852-1867*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1982, 6 de outubro de 1864, p. 193.

²⁸ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 116.

²⁹ *Diário*, 26 de outubro de 1864, p. 194.

³⁰ Ibid., Monte do Castelo, 26 de novembro de 1864, p. 195.

“Até que ouvi estas palavras: O sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado. De dia para dia estas palavras se tornaram mais claras e atrativas e eu, como despertado de um longo sono, sentia se me aventurarem no juízo as terríveis palavras, mas ao mesmo tempo se operava o meu restabelecimento”.³¹

Esse foi o período em que a Providência guiou o velho padre e o novo homem a uma consciência exata e precisa de quem ele é e da obra que Cristo fez em sua vida. A história se desenrola e por meio desse novo apóstolo do interior de São Paulo caminhos que os missionários americanos não conseguiram enxergar, Deus abriu para o protestantismo. Produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um. A partir daquela integral transformação, o Brasil passa a conhecer, nas palavras de Vicente Themudo Lessa, “Uma vida de abnegação no mais extremado grau”.³²

9. Conclusão

O final desse trabalho narra apenas o início de uma longa jornada. A primeira obra não foi o padre quem fez, foi Deus. Deus o agraciou com seu amor, transformando um coração totalmente esmigalhado pelo pecado, num coração completamente novo. Assim é a obra de salvação. Deus é quem faz toda a obra; ele é quem dispõe todo o coração do novo homem para amá-lo. Ele é quem converte e dá capacidade para um genuíno arrependimento.

O arrependimento marca o começo de uma nova vida. Compete aos que foram transformados por Deus dar continuidade a essa obra. O morto foi ressuscitado, o perdido foi achado, o pecador foi transformado num santo redimido, das trevas ele foi para a luz, o padre virou pastor. Pelo poder e obra do Espírito Santo, a experiência e a vida do Rev. José Manoel da Conceição abriu caminhos para a missão nacional; ele foi e continua sendo fonte de inspiração para todos os pastores evangélicos. O grande desejo do seu coração ardente, que o inspirava a ser um fiel embaixador de Cristo, pregando incansavelmente o evangelho, era ver a restauração dos incrédulos, a libertação dos pecadores, e, sobretudo, a promoção da glória de Deus:

“Quando a Bíblia correr pelas mãos de todos os povos, então se hão de realizar as promessas do Salvador, que a religião dele prevalecerá em toda a terra. Manifestar-se-á, então, a *universalidade* de sua Igreja. Gozar-se-ão a paz, a felicidade e a prosperidade, prometidas por Deus ao mundo, e aneladas agora pelas nações.

“Deus apresse a vinda desse tempo.
Amém”.³³

³¹ Boanerges Ribeiro, *O Padre Protestante*, p. 120.

³² Vicente Themudo Lessa, *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo, 1863-1903*, São Paulo,

1ª Igreja Presbyteriana Independente de São Paulo, 1938, p. 109.

³³ José Manoel da Conceição, *Sentença de Excomunhão e Sua Resposta*, p. 32.